

“Durante os meses de Maio e Junho de 1932 procedi a escavações numa povoação pré-histórica existente em Carenque. Nenhuma tradição existia sobre ela, mas fui levado a procura-la pela abundância de sepulcros da região: grutas artificiais de Vila Chã, ossuário da Serra das Bautas, dolmen do Alto de Belas, etc.”

(Manuel Heleno, 1932, Caderno n.º4, p.2)



©Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

Aqui perto, conhecemos vários povoados desta época, como por exemplo, os povoados da Espargueira-Serra das Éguas, dos Moinhos do Penedo e das Baútas e sabemos que existiam outros espaços funerários semelhantes, entretanto desaparecidos, como a Necrópole das Baútas, o Tholos das Conchadas e o Tholos da Pedreira do Campo.

Fora do concelho, mas bem perto desta necrópole, podem visitar-se as Antas do Monte Abraão, Estria e Pedra dos Mouros, com uma arquitetura diferente, mas destinados ao mesmo fim.

Núcleo Museológico da Necrópole de Carenque

Monumento Nacional

**Grutas Artificiais
do final do 4º e início
do 3º Milénio a.n.e.**

Morada:

Serra das Brancas, Topo da Av. Luis de Sá
Coordenadas GPS: 38,77344741-9,243852164

Telefone:

(+351) 214 369 090
museu@cm-amadora.pt

Horário de Funcionamento:

Verão - sábado das 14h00 às 18h00 e domingo das 09h00 às 14h00
Inverno - sábado das 13h00 às 17h00 e domingo das 10h00 às 15h00
(Encerrado nos dias 25 dezembro 1 janeiro e domingo de Páscoa)



AMADORA



©Museu da Amadora.

“Neste local, chamado serra do Tojal ou simplesmente Tojal descobro no dia 11 de Março de 1931 [sic] uma gruta artificial [sic] que tinha a clarabóia uma pequena parte da câmara a descoberto. No dia 13 de Março descobri mais duas no mesmo sitio completamente \sub/ soterradas. Todas tem clarabóia.”

(Manuel Heleno, Caderno nº 2, 1932, Arquivo MNA)

Necrópole de Carenque (final do IV e o início do III milénio a.n.e)

Descoberta em 1932 pelo arqueólogo Manuel Heleno, diretor do então Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, atualmente designado de Museu Nacional de Arqueologia, a Necrópole de Carenque é constituída por três grutas artificiais escavadas na rocha calcária (numeradas de nascente para poente, de I a III). Era um espaço funerário usado pelas comunidades do Neolítico Final que viviam neste território. Desde 1936 que a Necrópole de Carenque é Monumento Nacional.

“Iniciei a escavação pela que tinha parte da câmara já descoberta e que fica para o lado de lestes \ (gruta I) /. A escavação iniciou-se pela Camara e nela encontramos em depositos que se me afiguram remexidos em parte: Cinzas; ao centro, junto de muitas ossadas, um vaso um cilindro de calcario e uma faca. Junto do vaso um pequeno [...] que se completam de meia lua.”

(Manuel Heleno, Caderno nº 2, 1932, Arquivo MNA)

As grutas apresentam uma arquitetura comum: são escavadas na rocha e têm um corredor, que comunica com uma câmara funerária, através de uma pequena entrada. A câmara é subcircular e tem uma abertura no seu topo, uma claraboia. O corredor e a claraboia estavam tapados com lajes de calcário que fechavam a estrutura. Estas lajes eram levantadas para permitir enterramentos sucessivos ao longo dos anos.



©Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.



Placa de Xisto



Ídolo Antropomorfo



Zoomorfo de Coelho



Taça

O interior dos sepulcros revelou diversos vestígios e artefactos arqueológicos. Foram encontrados dezenas de esqueletos e peças de cerâmica, objetos feitos em sílex, calcário, osso e cobre característicos das comunidades humanas agro-pastoris do final do IV/ início do III milénio a.n.e. Estes objetos faziam parte do ritual funerário e das oferendas que acompanhavam os mortos nos enterramentos no interior das grutas.

A utilização das grutas era coletiva. “Ossos tinha muitos. E tinha então uns objectozinhos que dizia o Sr. Dr. que era idros, era em ponto redondo, assim redondinhos, deste comprimento mais ou menos outros mais curtos, era facas que ele dizia que era as facas que eles usavam, apareceu-me lá também um tachoquinho em pedra, deste tamanho, desta largueza e redondo, muito bonito, muito bem feitinho. O Sr. Dr. naquele dia deu-me dez escudos de gorjeta.”

(José Domingues de Oliveira, trabalhador na Necrópole de Carenque, entrevista realizada pelo Museu Municipal em 2003)